

PROCESSO ARTÍSTICO



Capturas do olhar

◉ **“VISTA INEVITÁVEL” (2009) é um trabalho de Bruno Vieira. O artista pernambucano põe em foco a presença da pintura em outras mídias, neste caso, a fotografia** FOTO WALESKA SOARES

◉ **O artista visual Bruno Vieira analisa as relações da pintura em seus trabalhos. Ressaltando, dentre outros aspectos, os instrumentos contemporâneos sucessíveis de exploração e da reativação da própria pintura**

BRUNO VIEIRA*
Especial para o Caderno 3

Compreendendo a relação da pintura com os diversos meios, incluindo os recursos tecnológicos, como a fotografia e o vídeo para capturar, armazenar e transmitir ou apresentar imagens em movimento, apresento a versão sobre a produção artística no vídeo Projeto Degas, na exposição Entre 8 no CCBNB Fortaleza.

Me aproprio de minutos de uma apresentação de um corpo de balé, saturado a cor e elástico o tempo e detenho-me em evidenciar a essência do ângulo fotográfico, enfatizando a relação de se debater a pintura.

O trabalho versa sobre a pintura do mestre Edgar Degas e procuro enfatizar o estilo tão explorado em suas telas utilizando desse meio e veículo contemporâneo como um instrumento tão necessário e efetivo para tornar reativar as ideias impressionistas.

Em outro sentido, reativando também a pintura na série “Vista inevitável”, trato da paisagem e de seu principal alicerce, na pintura ocidental: a linha do horizonte. A anfibia (é o uso de frases ou palavras com mais de uma interpretação) e ironia permeiam essa obra, que consiste na impressão fotográfi-

ca de uma montanha sobre persianas. Ao ajustar ou erguê-la (ainda que de modo imaginário), desfazemos a cena apresentada por meio das linhas formadas pelas barras que formam o suporte. Seu artefato estruturante habitual é, no caso, a razão de seu desmanche. Há uma referência irônica à janela renascentista, conceito do quadro perspectiva do pelo qual se alcerça a paisagem.

Enfim, são instrumentos contemporâneos sucessíveis de exploração, reativação da pintura independentemente da afirmativa e do gesto manual, próprio do universo solitário do ato pictórico, dado a unicidade do produto e da relação inversa de reprodutibilidade. Mesmo assim, a pintura se manifesta e reaparece na forma de conceitos.

Devemos entender que o circuito das artes, as redes e questões do cotidiano são alguns dos campos de ação da minha produção artística. Parte considerável do meu trabalho é menos a exploração de algum suporte e mais o processo no qual promove a criação de sentido. Nesses dois casos específicos exploro a ideia da representação da pintura em outros veículos vídeo e fotografia.

Breve entendimento

A pintura refere-se genericamente à técnica de aplicar pig-

mento em forma líquida à uma superfície, a fim de colorir-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas. A pintura Contemporânea é um período artístico que surgiu na segunda metade do século XX, e se prolonga até aos dias de hoje segundo conceitos da enciclopédia.

A partir de meados das décadas de 60 e 70, notou-se que a Arte produzida naquele período já não mais correspondia à Arte Moderna do início do século XX. Então, a Arte Contemporânea entrou em cena a partir dos anos 70, quando as importantes mudanças no mundo e na nossa relação de tempo e espaço transformaram universalmente as pessoas humanas.

Entre os movimentos mais célebres podemos citar a Op Art, a Videoarte, a Happening, a Fluxus, a Pop Art, o Expressionismo Abstracto, a Arte Conceitual, a Arte Povera, o Minimalismo, a Boby Art, o Fotorrealismo, a Internet Art e a Street Art – esta baseada na cultura do grafite, inspirada na geração hip-hop, tida muitas vezes como vandalismo. Sem esquecer-se do Sticker Art – que é a expressão artística desenvolvidas no espaço público, muito divulgadas atualmente nas redes sociais e internet.

Dentro desses anos de mudanças, de variado quadro de manifestações estilísticas ocorridas no decorrer de 50 anos, entendemos que pintura pode ser abordada e apresentada na atualidade por variáveis veículos artísticos, meios e canais. ◉

* Artista visual
(www.bruno-vieira.com)

O buraco da minhoca



◉ **A OBRA “O buraco da minhoca”, de Chico Fernandes, faz uma relação entre a fotografia e a pintura. O artista cria a ilusão de que a paisagem passa por trás da parede, onde está fixada** FOTO WALESKA SANTIAGO

◉ **Artista mostra como pensou o diálogo entre a fotografia e a pintura, em sua obra. Ele cria uma ilusão a partir de uma fotografia de paisagem. A obra está em cartaz no CCBNB**

CHICO FERNANDES*
Especial para o Caderno 3

A exposição “Entre8”, apresentada no CCBNB Fortaleza, antes de ser um projeto curatorial é uma proposição de artista. Bruno Vieira entrou em contato com os artistas e propôs reunir trabalhos que de alguma maneira dialogassem com a tradição da pintura.

Meu projeto lida com a situa-

ção de fotografia como janela. Assim como a tradição clássica pensava a pintura como tal, com regras de ponto de fuga, para criar a perspectiva, “sfumato” e claro escuro, a fotografia já capta a paisagem em um clique. Utilizando uma fotografia de paisagem, com toda esta referência, sobreponho o desenho de arestas de janela, que na verdade é um molde vazado. Assim é criada a ilusão de que a paisagem passa por trás da parede e apesar de o trabalho denunciar facilmente seu truque, o olho engana.

“Buraco da minhoca” ou “buraco do verme” é uma teoria da astrofísica que propõe a ideia de criar um atalho no continuum espaço-tempo. Como um verme que cria um atalho em uma maquiagem para chegar ao outro lado, ao invés de contornar toda a super-

fcie. Faço alusão a esta ideia, pois vejo estas janelas como conexões entre o espaço-tempo real e o virtual.

Esta é uma maneira de pensar a tradição da pintura na contemporaneidade. Cada artista da mostra se coloca de maneira particular em relação ao assunto. Alguns pensam o autorretrato, outros a paisagem, como estas questões se relacionam com novas mídias. Uma gama de possibilidades já que até muito recentemente a pintura foi o grande alicerce da história da arte. E claro, muitos artistas visuais ainda trabalham com vigor a pintura propriamente dita, tinta sobre tela. Pois afinal, a pintura não perde sua força enquanto artistas continuam a se debruçar sobre ela. ◉

* Artista visual
(chicofer.blogspot.com)

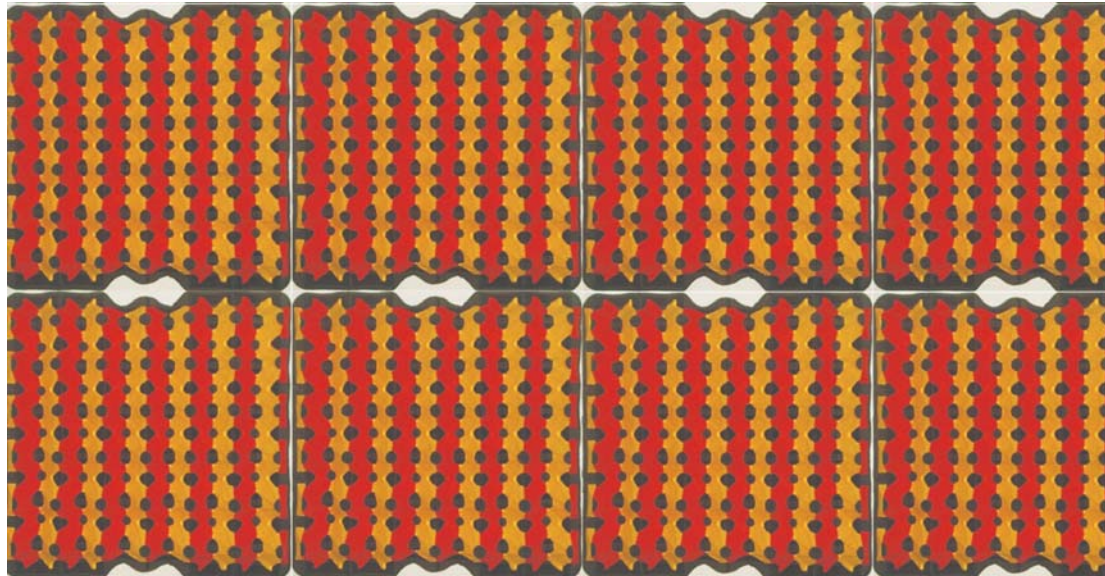
Crivo, pintura ainda com tinta

◉ **Artista discute trabalho, em que se utiliza de caixas de ovos como módulos pictóricos**

JÚNIOR PIMENTA*
Especial para o Caderno 3

Compreender minha atuação no campo da pintura necessita algumas considerações iniciais. Primeiro, quero deixar claro que não participei de curso de pintura, logo, a técnica não é fator principal em minha produção. Também não tenho interesse em resolver problemas específicos da pintura, o que podemos incluir, a questão do suporte. Compreendendo meu trabalho como um pensamento sobre pintura, mas não prioritariamente.

O projeto Crivo, no qual uso caixas de ovos como módulos pictóricos, é uma apropriação dupla, tanto das caixas, como de sua própria estrutura. Onde as delimitações estruturais desses objetos determinam todas as construções possíveis para minhas experimentações cromáticas. Podendo ser percebido, co-



◉ **UM DETALHE do trabalho “Crivo” do artista visual Júnior Pimenta. Ao todo são 81 caixas de ovos, onde ele desenvolve módulos pictóricos** FOTO ARQUIVO PESSOAL DO ARTISTA

mo um “ready-made” ao contrário, pois diferente do que fez Duchamp, o objeto não modifica apenas sua função, mas passa por um processo de pintura manual na sua estrutura, o que caracteriza o seu caráter de um “ready-made”.

Além das questões estruturais citadas, o uso das caixas de ovos no trabalho está relaciona-

do à lembranças da minha infância na cidade de Orós, onde sempre brincava com embalagens no mercantil do seu Costinha (meu avô e pai), e acabava dando outras funções para elas. Tempos depois, a vontade de ressignificar objetos do cotidiano apareceu novamente neste projeto. Cito este fato, pois considero que o universo de cada

artista é incorporado na sua produção, de alguma forma, inclusive com códigos singulares.

Assim, mesmo não tendo cursado pintura, ela está presente em minhas pesquisas, até por que grande parte da história da arte é composta por essa linguagem. Então, considero que é muito fácil que esteticamente a pintura seja absorvida nas poéti-

cas de vários artistas, dentre os quais me incluo. E que vai ser um paradigma para as artes visuais por muito tempo, quem sabe para sempre, variando apenas a intensidade.

Já a questão do suporte, no caso de meu trabalho, não é pensada como superação deste. Nem como evolução da pintura, algo muito comum no modernismo. Meu objetivo não é criticá-los, mas investigar outras possibilidades; inclusive, procuro estabelecer uma relação entre a pintura e a escultura, por meio das formas e volume existentes nestas caixas. Levando a minha pintura para o campo tridimensional e espacial. Considero inclusive que, poderíamos estender o conceito da escultura no campo ampliado de Rosalind Kraus (crítica de arte), também para a pintura, pois não se pode delimitar o que de fato caracteriza essa pintura contemporânea.

Quando comecei a desenvolver Crivo, foi pensando com o uso de apenas uma caixa e depois, parti para a relação modular, algo que se aproxima da modulação serial do minimalismo. O trabalho é composto por vários módulos, acontecendo em grande escala, partindo assim, para uma relação espacial. A experiência do observador, é uma percepção

fenomenológica do ambiente onde se insere, e que devido a tridimensionalidade, a composição vai se modificando de acordo com o movimento do observador, criando outras dimensões no que antes era plano, como a parede da galeria.

Agora falando especificamente das formas geométricas, vale a pena ressaltar que nas formas externas das caixas, e no agrupamento de vários módulos se geram novas formas, na contra forma das mesmas. O módulo tem a mesmas medidas na horizontal e na vertical, e no meu projeto sigo essa mesma orientação, em que a distribuição dos módulos seguem as mesmas dimensões, um formato quadrado, mas sem nenhuma vontade de superação do retângulo renascentista. Apenas seguindo as indicações do objeto apropriado.

Com Crivo, não pretendo dar continuidade e nem questionar, por exemplo, o movimento neoconcreto, mas ser um desvio, um pensamento que se constitui pela diferença. Bebendo da fonte, mas não pensando na continuidade, é mais com uma ideia de distanciamento nessa aproximação. ◉

* Artista visual e editor do site e revista Reticências... crítica de arte
(www.reticenciascritica.com)